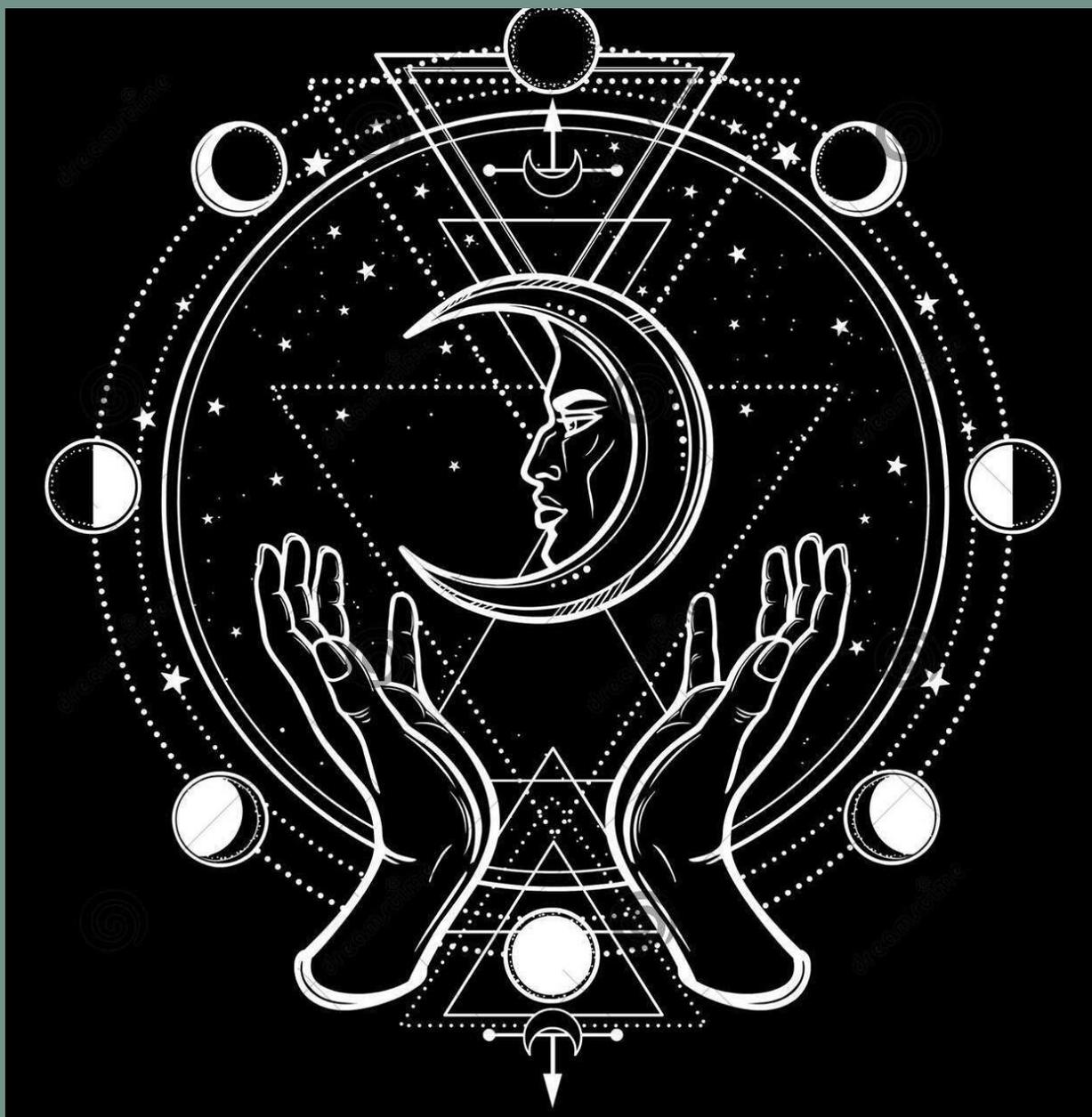


# AS LUAS

O REFÚGIO DA MEMÓRIA

Introdução



EUGENIO CARUTTI

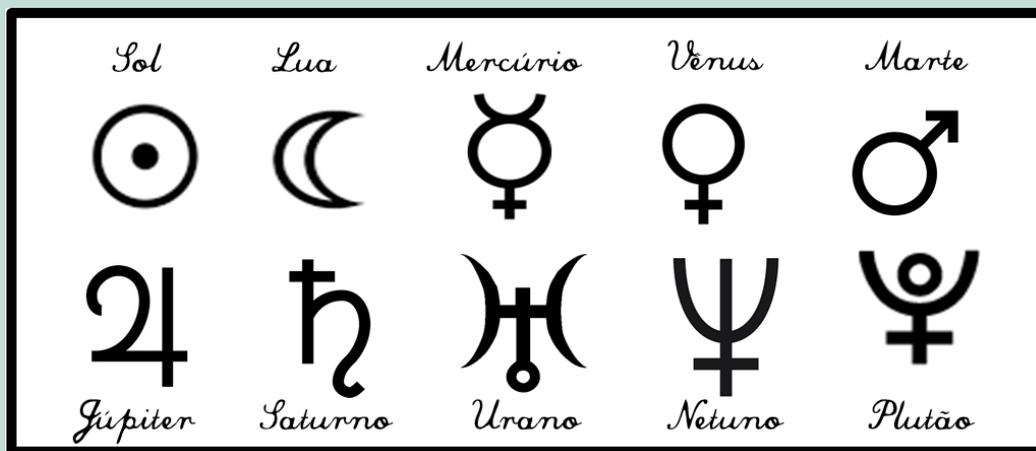
TRADUÇÃO: LARA MONCAY REGINATO

HAMADRÍADE

# O sistema solar como paradigma funcional

Em astrologia cada símbolo está relacionado a diferentes tipos de realidade, desde as mais abstratas até as mais concretas; ao mesmo tempo denota espaços que, na divisão sujeito-objeto, denominamos “interno” e “externo”. No “interno” se incluem dimensões do inconsciente, tanto coletivas como pessoais, assim como atribuições psíquicas específicas (intelecto, afetividade, sensação de identidade, etc.).

Por sua vez, no “externo” encontramos pessoas e vínculos, objetos, acontecimentos, aspectos da paisagem e a natureza, animais, metais e pedras. Finalmente sabemos que cada símbolo se relaciona também com uma parte do corpo humano. De um ponto de vista mais geral, cada planeta do sistema solar pode ser compreendido como parte de um sistema, tendo uma função específica nele.



Para a astrologia, o sistema solar é um paradigma funcional presente em toda a realidade, tanto “interna” (psíquica) como “externa” (mundo). No entanto, a matriz do sistema solar em sua totalidade se encontra em cada fragmento de si mesmo. Desta maneira, toda a função de um sistema particular - biológico, mecânico, psíquico, social - tem sua correspondência com o sistema solar.

Desta perspectiva, cada corpo do sistema solar ocupa um lugar funcional possível. Cada sistema - corpo, psique, família, sociedade e instituições, organismos viventes - possui sua Lua, seu Sol, seu Saturno ou Júpiter. Ou seja, aquilo que mais tarde a percepção habitual captará dissociadamente, como elementos separados da realidade ou como constituintes autônomos da consciência de si mesmo, surge uma matriz comum - o sistema solar - que se reproduz em todos os níveis e formas de nossa realidade cotidiana.

Em consequência podemos conceber a cada planeta como a função de um sistema. O que faz a Lua, terá significado no mundo “externo”: mãe, casa, lugar, útero, parto, etc. No “interno” se associará com a afetividade, a memória, as imagens psíquicas maternas, ou o arquétipo da Grande Mãe e aquilo que à associam. Mas todos estes elementos podem a sua vez ser sintetizados por um denominador comum em um nível mais abstrato; este denominador é a função da Lua, dentro do sistema.

Função -----> Mundo “Interno”  
-----> Mundo “Externo”

Compreender a função sistêmica de um símbolo nos permite superar a dicotomia entre “subjetivo” e “objetivo”, possibilitando uma síntese entre as características psicológicas e as significações mundanas.

Qual é então, a função correspondente da Lua em qualquer sistema?

# Uma crença não questionada.

Antes de tentar responder essa pergunta - Qual é então, a função correspondente da Lua em qualquer sistema? - é preciso que nos detenhamos em um ponto importante. Ao tratar de delimitar o significado dos diferentes símbolos da astrologia, sejam estes espaços zodiacais, proporções angulares - aspectos - áreas de experiências - casas - ou corpos do sistema solar, devemos previamente ter claro uma suposição inconsciente própria da linguagem convencional, que se projeta sobre a estrutura do simbolismo astrológico produzindo nele uma forte distorção.

Refiro-me a crença de que cada símbolo pode ser definido independentemente dos demais e tem, por tanto, existência autônoma. Em consequência, se assim fosse, poderíamos identificá-los atribuindo significados de exclusão do tipo: “o guerreiro corresponde a Marte”, “a rosa à Vênus”, ou “as religiões à Júpiter”, com independência de todo o contexto em que apareçam estes aspectos de realidade. Esta crença supõe que existe um significado “em si” para Touro, o Sol, a casa três ou sextil.

Se esta suposição básica da astrologia nos diz que a totalidade está em cada uma das partes em proporções diferentes - ou como variantes particulares de um padrão geral - a crença anterior não pode ser válida. Dito de outra maneira: se em cada carta natal estão presentes todos os signos, aspectos, planetas, etc., em uma distribuição particular (proporção - padrão), é uma abstração afirmar que existe alguém puramente mercuriano ou taurino.

Na realidade, não se vê Mercúrio separado do sistema solar, ou Touro independentemente da totalidade do zodíaco, ou uma quadratura em uma situação em que não existam ao mesmo tempo trígonos, sextis ou oposições. Em um dado instante, podemos dizer que a configuração particular é máxima em relação a outras, mas estas estarão sempre presentes, ainda que sua proporção não seja particularmente significativa.

No que se refere a Lua, não há situação possível em que esta apareça sem o Sol, Mercúrio, Saturno ou qualquer outro planeta. É provável que uma intensidade particular da Lua relegue a um segundo plano a consideração dos demais corpos do sistema, mas isto é sempre relativo e só justificável com a simplificação operativa.

Indagar a cerca destas crenças é fundamental. Ao não questioná-las supomos que é possível definir a Lua - ou a Júpiter, ou a Aquário - com total independência dos demais elementos da matriz a que pertencem. A crença que considera possível pensar o simbolismo astrológico - ou o céu que nos envolve - separando-o em elementos autônomos, é própria da linguagem não astrológica a menos que nos limitemos à movimentos em um campo de classificações e tipografias, renunciando a toda síntese.

Aprender astrologia implica traduzir um modo de organizar a percepção da realidade baseado em palavras da linguagem cotidiana, a uma ordem articulada em símbolos de maior complexidade. A linguagem cotidiana manifesta uma captação do mundo em entidades autônomas, enquanto que o simbolismo astrológico expressa outra muito diferente, na qual aparece aquilo que na percepção anterior estava escondido. A mesma estrutura das duas linguagens reflete o abismo que separa estas posições existenciais radicalmente diferentes.

Nossas linguagens habituais (espanhol, inglês, alemão, etc.) se baseiam na existência dos fonemas, partículas elementares irredutível das demais e as relações que estabelecem são externas à umas e respectiva à outras.

Nossa linguagem cotidiana não é em sua estrutura um sistema de ruas, nem é mandálico. Oferece a possibilidade de distinções absolutas e quem sabe aqui erradique sua maior afetividade e razão de ser, em relação ao mundo que temos acordado socialmente em definir como “objetivo”. Mas para nós, que estudamos astrologia - é esta precisamente sua limitação, ainda que seja operativa e necessária em um nível, já que sustenta a percepção de um mundo de entidades absolutamente separadas e cujas às únicas relações possíveis entre seus elementos são “externas” aos mesmos.

## *A astrologia como linguagem sagrada*

Inversamente, em toda a linguagem mandálica cada um de seus elementos recria a matriz global. Cada elemento contém dentro de si todos os demais e suas relações com as outras partes do sistema são à sua vez “internas” e “externas”, como correspondente de uma linguagem, cuja função é a de comunicar a profunda unidade na diferença do que está “dentro” e o que está “fora”. Estas são linguagens sagradas - como a Cabala, o I-Ching ou a Astrologia - e em sua própria natureza reside a possibilidade de chegar a totalidade através de cada uma de suas partes, como um jogo de caixas. Daí, que a função da astrologia significa ser a ressonância mútua das entidades do sistema solar em seus diferentes planos, cada um de seus símbolos deve evocar os demais em uma gama de ressonâncias infinitas e a sua vez extremamente precisa.

Por isso, a astrologia exige o desenvolvimento harmônico das funções aparentemente contraditórias: a capacidade de permanecer em contato com totalidades sem classificá-las de forma separada e, a sua vez, a capacidade de discriminação que permite estabelecer diferenças. Em geral, uma função se desenvolve em detrimento de outra e o hábito de apoiar-se só na primeira inibe a participação da função complementar em processo perceptivo. O correto vínculo entre o contato e discriminação - ou, mais profundamente, entre identificação e diferenciação - é um requisito fundamental para a compreensão da astrologia e o legado que oferece a quem entra nela.

Este é o movimento em um fio de navalha, onde um excesso de uma função discriminadora - ou melhor, da necessidade de afirmar-se nela para não cair na confusão - converte a astrologia em um mero instrumento da consciência identificada com a linguagem separatista. Isso a empobrece, reduzindo-a em um sistema de classificações, topologia e determinismos pretendidamente científicos, que nos prejudicam no mistério que é inerente e impedem que sua contemplação nos transforme.

A inibição da função discriminante e a hipertrofia da identificação nos leva, pelo contrário, a contaminação de todos os significados e finalmente desemboca na confusão e ao delírio. Uma linguagem operando em uma psique que tenha efetuado um profundo trabalho de discriminação a respeito das identificações primárias e de individualização das estruturas arquetípicas, é sumariamente perigosa.

Conserva a possibilidade de projetar massivamente conteúdos indiscriminados sobre o mundo, com a conseguinte desordem e confusão.

Sendo que esta projeção, cedo ou tarde, provém de extratos que estão além do pessoal, e com os conteúdos do inconsciente coletivo, ainda que contaminados, são capazes de expressar em seu nível a sincronicidade entre o “dentro” e o “fora”, esta atitude expressa ocasionalmente uma grande “sabedoria” e uma intuição certa. A maioria das vezes se trata de associações totalmente subjetivas e fantásticas.

Na realidade, a primeira posição - o excesso de discriminação - tem na segunda - a identificação - em sombra. Uma vez em contato com a linguagem astrológica, se ativam inevitavelmente os potentes conteúdos sintéticos que lhe são próprios e produzem um efeito emocionante sobre a psique não preparada. Aqui, a ênfase na discriminação é resultado da resistência e em última instância de auto-proteção. Como este movimento não é consciente, inevitavelmente enrijece e reforça os aspectos obsessivos e controladores em quem toma esta posição.

É claro que entrar na astrologia é entrar em um terreno anterior as modernas diferenciações entre ciência, arte, magia, medicina, religião, psicologia ou cosmologia. Não é fácil não se perder nela e por isso oscilamos entre cientificismo e misticismo, psicologismos e determinismos. É possível - e este é um desafio - avançar prudentemente, guardando fidelidade as premissas que fazem com que a astrologia tenha efeito. Isto é, movermos em um nível de aprendizagem em que se faça manifesta a correspondência estrutural entre o “dentro” e o “fora”, a psique e o cosmos, o céu e a terra.

# O sistema Lua - Sol - Saturno

Ao tentarmos delimitar os significados da Lua em um texto relativamente introdutório, um excesso de simplificação distorce perigosamente aquilo que se tenta transmitir. Poderia se ver o essencial, ou seja, a presença da estrutura do sistema em cada uma de suas partes e, neste caso, a relação intrínseca entre a Lua e a totalidade da matriz.

Convenhamos então, que falar dos significados simbolizados por um planeta independente dos demais é uma abstração válida em termos iniciais de uma pedagogia, mas incorreta fora desse contexto. Por exemplo: dizemos que o útero está simbolizado pela Lua, mas devemos ter presente que o útero não existe independente do resto do organismo e que, em particular, aparece associado a determinadas características da pélvis. Sem pélvis não há útero e a pélvis dos corpos femininos está determinada pela presença deste e suas funções associadas.

Ambos constituem uma estrutura. Não existe em sem o outro, não se manifestam independentemente.

Sua correlação astrológica expressa que a manifestação do luar se corresponde sempre com uma determinada presença de Saturno. Saturno e a Lua constituem uma relação entre opostos extremamente necessária. A vulnerabilidade e indiferença lunar “necessita” da presença de estruturas saturninas e estas cobram sentido como complemento daquela; se dão com ela. No oposto, a manifestação física da Lua é o contrário de suas qualidades astrológicas. Neste corpo específico que gira ao redor de nosso planeta tem lugar à máxima mineralização e cristalização de uma entidade sem vida, desligada de todo o processo oxidante ou radiante.

Do mesmo modo se pode dizer que um ovo é a “Lua”, mas a casca é Saturno. Ao mesmo tempo, leva dentro de si o Sol da vida nascente que ainda não pode se manifestar e necessita ser protegida: ou seja, que tão pouco há Lua sem Sol.

Inversamente, não é possível para nós a presença do Sol sem a Lua, no sentido de proteção necessária a respeito da radiação solar. Isto pode ser representado pela camada de ozônio, pela atmosfera que nos rodeia, pelas casas e refúgios ou, basicamente, pela noite que nos protege do excesso do fogo solar e que se manifesta ritmicamente de acordo com um tempo e uma medida. A Lua, Saturno e o Sol são uma estrutura e sempre aparecem unidos, ainda que em proporções diferentes. A dinâmica cíclica destas proporções é aquilo que nós percebemos como “processo”. O sistema solar completo apresenta, em rigor, este funcionamento. Em consequência, todas as suas funções são mutuamente necessárias.

Toda manifestação é o emergir de um equilíbrio relativo da mesma, isto é, de uma proporção heliográfica. Esta temática não será aprofundada aqui, mas é necessário tematizar uma lógica mais complexa que o habitual pensamento causal e sequencial para poder dar conta dessas estruturas e chegar a captar a presença da totalidade do sistema em cada situação. Para os propósitos do presente texto nos limitaremos a contextualizar as descrições da função lunar dentro da relação estrutural entre a Lua, o Sol e Saturno, a fim de alcançar uma maior precisão, postergando uma discussão mais complexa e rigorosa para o momento em que abordarmos o estudo das polaridades planetárias.

# A função lunar

Tomamos como certo então, a presença do triângulo Lua - Sol - Saturno. Para toda a manifestação lunar, aparecem dois aspectos essenciais da realidade, significados pela Lua, que delimitam sua função em um sistema. Por um lado, ministrar substância para que esta tome uma forma determinada. Por outro - ao mesmo tempo - construir um hábito protetor para que dentro dela, protegida e nutrida, se desenvolva uma diferença que seria destruída sem o amparo deste hábito.

Podemos exemplificar este duplo processo nos referindo a substância básica que constitui o ovo. Este inclui tanto as células indiferenciadas que contêm o futuro polo, como os nutrientes destinados ao seu crescimento, o receptáculo corporal em que este fica até sua fecundação, o ovo como estrutura total e o futuro ninho com a tarefa de encubamento.

Tudo isso é a Lua, a qual nos mostra a característica básica de sua dinâmica: ela sempre aparece em um processo onde cumpre múltiplas funções, simultânea e sequencialmente. Atentos a isto, definiremos primeiro por separadas as diferentes funções da Lua para podermos encontrar depois o dinamismo de seu significado completo. Ali poderemos, ao mesmo tempo, registrar nossa dificuldade para sintetizar aspectos da realidade que habitualmente manteremos escondidos.

## a - A substância

A Lua se refere sempre a substância de certo nível de existência - física, biológica, psíquica, social, mental - isto é, ao substrato indiferenciado do qual surgirão às formas desse nível de realidade. É a matéria prima, disponível para adotar as formas necessárias que expressam uma determinada dimensão. Em tantas substâncias vitais e anéis de reprodução de si mesma, entregando-se as estruturações e princípios formativos que atuam sobre ela, expressa sua analogia com Touro, daí sua exaltação nesse espaço zodiacal.

Podemos exemplificar com maior clareza este conceito e suas ramificações descrevendo o desenvolvimento de um embrião, onde ali começa a vida está particularmente presente o acionar da Lua.

Na união entre mamíferos, uma vez reunidos os gametas no útero começa uma rápida segmentação de células praticamente indiferenciadas. Estas possuem uma enorme vitalidade e proliferam até dar lugar a uma primeira diferenciação entre elas, com o surgimento de três tipos de tecidos diferentes entre si, ectoderma, endoderma e mesoderma. As células de cada um desses tecidos terão um destino específico em cada tipo de órgão, ao final de uma série de transformações que partem de uma origem comum. O aparelho respiratório e o digestivo surgirão do endoderma através de sucessivos passos, o sistema nervoso se constitui a partir do mesoderma e assim o resto, de maneira semelhante. O importante para nós é perceber como as futuras formas finais (órgãos) são transformações progressivas de tecidos básicos que ministram a substância, primeiramente a sistemas inteiros (respiratório, digestivo, nervoso, estrutura óssea, etc.) e mais tarde se diferenciam em órgãos particulares (pulmões, traquéia, estômago, fígado, pâncreas, etc.).

Nesse sentido, aqui a Lua é uma proliferação de tecido (relativamente) indiferenciado no qual se enfatiza a tendência a repetir-se, até o momento de uma nova formação complexa da substância (o tecido) a fim de produzir um útero diferenciado.

Uma reprodução de tal intensidade e velocidade - podemos falar de um frenesi de auto-reprodução - responde a necessidade do sistema global de substância, de contar com materiais primários em abundância para sua posterior complexidade, até alcançar as formas finais.

b - A forma.

A segunda tendência fundamental da Lua que aqui podemos distinguir em sua enorme plasticidade - dado sua diferenciação - e sua docilidade para responder a uma ordem impressa na substância, a fim de tomar determinada forma ou outra. Neste caso, a inteligência do código genético que ficou constituído a partir da união dos gametas, irá determinando as características específicas que a massa celular deverá tomar - através de “instruções”- até transformar-se em órgãos definitivos: fígados, rins, unhas, pernas... A partir daí a vitalidade celular já não responderá a novos impulsos de formação e só se renovará periodicamente, movendo-se dentro de um padrão estável e definitivo.

Neste exemplo de nível biológico podemos visualizar várias características lunares que mais tarde reconheceremos em outros planos: sociais, psíquicos, mentais etc. Estas são:

1 - a relativa indiferenciação que possibilita sucessivas transformações até dar lugar a uma forma final;

2 - a plasticidade e receptividade aos métodos de formação com os quais incorpora a forma, para logo ater-se a ela;

3 - a alta vitalidade do lunar, que faz com que se reproduza continuamente em si mesma, replicando a forma incorporada;

4 - a capacidade de renovação em resposta a uma ordem determinada, que a leva a incorporar a diferença sobre a base do padrão anterior. Por exemplo, isso ocorre ao passar do endoderma às células do futuro sistema digestivo e, mais tarde, destas a cada um dos órgãos específicos.

## Espelho e reflexo

Como sabemos, a Lua não possui luz própria e sim existe por um processo de reflexão. Sua presença ilumina a noite refletindo a luz solar, ao tempo que monitora os efeitos desta última a fim de aliviar o excesso de radiação. O espelho, que devolve uma imagem que não é a realidade do que é refletido, é um clássico símbolo lunar. Pertence ao mundo de objetos simbolizados pelo Lua mas possui, a sua vez, significação de paradigma em relação a sua função. O efeito se constitui a partir de uma fina lâmina de nitrato de prata que recobre a parte posterior do vidro, sobre o que produz a imagem. Esta rede de associações entre reflexo, espelho, prata e imagem, são muito relevantes na hora de discriminar uma das ambivalências fundamentais da Lua: possui esta vitalidade própria ou é inerte? É criativa ou só repetitiva?

Em primeiro lugar, a Lua sempre depende de um impulso externo a ela para a realização de sua função. Sua indiferenciação básica ou sua qualidade reflexa/passiva não lhe permite tomar a iniciativa e autonomia, pelo menos no início dos processos de que participa. Ao inverso, não existe processo sem o curso da Lua, onde quer que exista substância.

Sua criatividade é própria do receptivo, repetindo-se até desenvolver a totalidade da forma com que foi informada ou que aceitou o impulso. Isto indica uma enorme vitalidade, fecundidade e capacidade de reprodução, mas sempre com repetição da estrutura adquirida, carecendo da capacidade de alterar por si mesma o padrão no qual ficou fixada.

Seguindo com o exemplo biológico, depois da união e determinada a trama genética, a estrutura “óvulo fecundado-útero-mãe” (Lua) prossegue por si mesma o crescimento do embrião, mas não se encontra entre suas funções a modificação da pauta genética estabelecida.

Uma vez desencadeada, a inteligência lunar se repete em si mesma, inibida do desenvolvimento variável. Nesta limitação está colocada a potência de sua função, sua vitalidade e fecundidade específicas, complementarias do Sol.

A repetição é imprescindível e isto é visível no biológico, por exemplo, com a réplica incessante do DNA em um nível celular básico, atividade essencial para que a totalidade do sistema se mantenha viva e tenha sua forma.

Quando se tenta compreender a Lua em relação ao resto do sistema, especificamente no plano psicológico, sua tendência a repetição representa uma das maiores dificuldades.

# A Lua e a Memória

Vejam os detalhes. Sua enorme plasticidade e sensibilidade fazem com que o luar fique marcado por outras funções: radiação solar, impulso marciano, estrutura saturnina, maneira de formação jupiteriana, informação mercuriana ou criatividade uraniana. Mas sua função específica é, precisamente, proporcionar a substância capaz de reter a marca, repetindo-se até que fique estabelecido uma forma ou padrão. Isso ocorre, por exemplo, na pele onde superado alguns estímulos externos, fica a cicatriz.

A Lua guarda tudo aquilo que se imprime nela e se configura ao seu redor, seguindo o caminho marcado. É memória no sentido mais extenso da palavra porque retém todos os impactos externos que a afetam e toma progressivamente a forma dos sulcos que se abrem nela, alimentando-os com sua vitalidade. Neste sentido, aquilo que aparece no princípio como primário, virginal e indiferenciado, se converte com o tempo em constante acumulação de marcas e incansáveis repetições do passado, rechaçando em sua inércia os estímulos do presente. Ali se fecha sobre si e o crescimento se detém na réplica indefinida do nível alcançado.

A Lua é o bebê, o intocado e também a identificação plena com as experiências anteriores e a incapacidade de dar respostas novas por excesso de acumulação: é ao mesmo tempo o envelhecimento e a sensibilidade. Sua relação estrutural com Saturno nos mostra que a Lua é simultaneamente jovem e velha, virginal e cristalizada. Aqui aparece novamente sua dinâmica profunda: desenvolver-se em fases, isto é, recorrer no processo em que nasce, cresce e adquire sua plenitude até finalmente cristalizar-se e extinguir-se necessariamente, para voltar a nascer.

Toda a reflexão a cerca da Lua está inevitavelmente atravessada pelo arquétipo de suas caras: uma luminosa e visível, a outra escura e invisível. Nada que se diga sobre ela pode escapar desta tensão, pela qual uma qualidade se transforma subitamente em seu oposto, ou uma limitação ou carência se revela como potência e vitalidade.

Falamos da Lua nos leva a recorrer um conjunto de atribuições carregadas de ambivalência, nas quais é impossível decidir sobre sua intrínseca qualidade criativa ou destrutiva, independentemente do que se manifesta ao seu redor. Na realidade recortar um fragmento de seu contexto, autonomizando-o e convertendo-o em absoluto para a consciência que ficou absorvida por ele, é um comportamento lunar que será falado mais adiante e que tem enormes consequências psicológicas. Constataremos por hora que a mesma dinâmica da Lua mostra os opostos como fases necessárias de um processo: de Lua nova, abismal e escura, a Lua cheia, abundante e luminosa e vice-versa.

É a consciência, incapaz de compreender, quem divide o processo e experimenta como tensão a consciência do “bom” e do “mau” em um mesmo “objeto”. Isto é uma determinação psicológica, uma fixação que se projeta em tudo aquilo que se absolutiza e não algo inerente ao mesmo processo. No plano psíquico, a articulação da Lua ao resto do sistema dependerá da capacidade de consciência para realizar esta distinção.

# Criança e velha

Como dissemos antes, a Lua jamais existe com independência dos outros corpos do sistema solar. A natureza global do processo irá intervir em outras funções e estas, a seu devido tempo, limitarão os excessos ou complementarão as limitações dos primeiros passos.

Mas, para a consciência que não compreende ainda a ordem profunda dos ciclos, a Lua se apresenta a sua vez como criança e outra como velha. Recém-nascida e assim mesmo carregada pelas marcas do tempo. Por um lado, fresca e vulnerável, vital e inocente, cheia de possibilidades e aberta a todas as possibilidades, neste tema, o arquétipo reflete a falta de completude e a disponibilidade inerentes a sua natureza primária e indiferenciada. Mas por outro lado, a sombra desta mesma qualidade faz com se acumule marca sobre marca, ficando sua vitalidade atrapalhada nelas até perder-se em uma incessante reprodução de formas que drenam toda a sua energia. Assim, sepultada uma crosta de construções que impedem toda a renovação, se converte em estéril. Esta velha, por um lado exhibe toda a sabedoria da experiência e os tesouros da memória, mas ao mesmo tempo leva consigo a rigidez do passado e suas cristalizações, perdendo toda a capacidade de resposta e estímulos do presente.

Neste caso, a função lunar se identifica por completo com o seu complementar, Saturno, é uma esclerose que repete de forma incessante os mesmos padrões. As regressões que padecem os velhos afetados pela sedimentação de um sistema circulatório, expressam a outra face desta polaridade nos velhos que se convertem em crianças.

# Virgem e prostituta

Este par arquétipo - criança e velha - se vê complementado por outra oposição entre a virgem e a prostituta. Aqui o antigo simbolismo da Virgem não expressa a recusa em ser fecundada, mas o contrário, a profunda quietude da substância que aguarda, em sua entrega, ser impregnada pelo outro pólo da união. A plasticidade e inocência se reúnem com o silêncio e a confiança - a sabedoria da função lunar - renunciando a reproduzir as velhas marcas, entregando-se por completo as forças de formação. O arquétipo virginal contém assim a possibilidade de se renovar barrando as voltas do passado, mas não a partir de uma atividade positiva e sim inibindo e demorando em sua reprodução, a fim de que a nova fecundação seja tão profunda como para cancelar todas as pegadas anteriores.

O oposto a isto se simboliza tradicionalmente com a prostituta, em quem se arquetípica a ânsia da atividade lunar para entregar-se a forma, respondendo voraz e mecanicamente a qualquer estímulo para construir de imediato sobre ele, com frenesi, para repetir, em resposta a impulsos superficiais, ao mesmo padrão de crescimento pelo próprio crescimento.

Esta hiperatividade a arrastará a uma desordem destrutiva, como nos casos dos tumores cancerosos nos quais a atividade celular se torna independente por completo dos limites da forma que lhe corresponde.

No plano psíquico, esta dimensão aparece na excessiva excitação da imaginação, quando não pode deter suas construções e invade desmedidamente a percepção do mundo. Também se relaciona com o desencadeamento de pensamentos incontáveis, que recorrem várias vezes aos mesmos circuitos quando o temor invade, retirando toda a possibilidade criativa.

Esta exasperação da qualidade de entrega, em um ritmo que anula a existência do outro pólo e se fecha sobre si em uma auto-suficiência destrutiva, é uma tendência possível da função lunar, em seus múltiplos planos de manifestação.

## A função protetora

A segunda função da Lua, a de criar muitos ambientes protegidos, é a mais conhecida dada a sua analogia com o signo de Câncer. Vamos nos deter um pouco mais nela para que emergjam aspectos que habitualmente permanecem velados.

Muitos sistemas apresentam uma vitalidade excessiva que eventualmente impossibilita a aparição de variantes capazes de renová-las. Nesses casos, toda a estrutura entra em uma zona de perigo enquanto se estabiliza em uma circulação que o leva a se repetir indefinidamente. Desta maneira, o êxito inicial destrói as novas possibilidades, que não alcançam o amadurecimento para transformá-la. Assim, todo o sistema relativamente aberto deverá fechar-se sobre si em alguns pontos a fim de gerar ambientes que o protejam de si mesmo e possam dar lugar a variações que, de outra maneira, sucumbiriam ao aberto.

Para que algo se manifeste realmente como novo deve ter alguma incompatibilidade com o estado normal do sistema, como ocorre, por exemplo, em uma mutação biológica. A alta vulnerabilidade do novo faz com que não possa sobreviver sem a existência de uma forma que o proteja, e esta deverá ser ministrada por uma mesma inteligência do sistema.

A necessidade de proteção das crias, no processo biológico, expressa o exemplo mais óbvio que o anteriormente descrito.

Em níveis mais básicos de evolução, como em muitas espécies de peixes, o processo de reprodução ainda não é complemente lunar, pelo menos no sentido em que estamos descrevendo. Nestes casos, a fecundação não se produz no interior do corpo da mãe e sim fora do mesmo, ficando as ovas expostas e os ovelinos à voracidade do meio. A única proteção para a espécie descansa na enorme quantidade de crias, das quais só uma pequena parte deverá sobreviver. Ao passar a fecundação ao interior do corpo da mãe - e ao agregar-se inclusive em períodos de gestação, como nos mamíferos, o número de crias possíveis diminui vertiginosamente, mas aumenta no sentido inverso sua segurança.

Ovo, ninho, encubamento, óvulo, útero, gravidez, amamentação, cuidado dos progenitores e do grupo social sobre a cria, etc., são todas manifestações lunares que se estendem logo a educação e preparação da criatura para que esta possa enfrentar o mundo abertamente.

A criação de todo o interior protetor e delicado, apto para atender as necessidades do novo, deve ser capaz de excluir decididamente as forças hostis do meio. Aqui novamente aparece o par Lua – Saturno, indissolivelmente ligados, com cara interna e externa da forma protetora. Não existe proteção sem um lado suficientemente duro e exclusivo, para isolar o protegido no meio hostil. A face dura e isolante da Lua, fechada sobre si e impenetrável, pode aparecer dissociada de seus componentes quentes e ternos. No entanto, é impossível entender o processo e a função da lua, especialmente no plano psicológico, se não for adequadamente avaliado a necessidade absoluta de ambas as faces no cumprimento da referida função.

Pouco importa se a “dureza” lunar é a fúria da leoa quando os cachorros se vêem ameaçados, ou sua capacidade para manter-se unido a um macho que a proteja e a complemente nesta função. Onde há lua, ao lado de sua esquisita ternura e quentura, haverá necessariamente capacidade para excluir - proteger - com toda a dureza e inclusive com toda a agressividade que seja necessária. Proteção implica exclusão e limite; crescimento e diferenciação implicam isolamento e tempo.

A função singular (Sol), no sistema  
Lua - Saturno

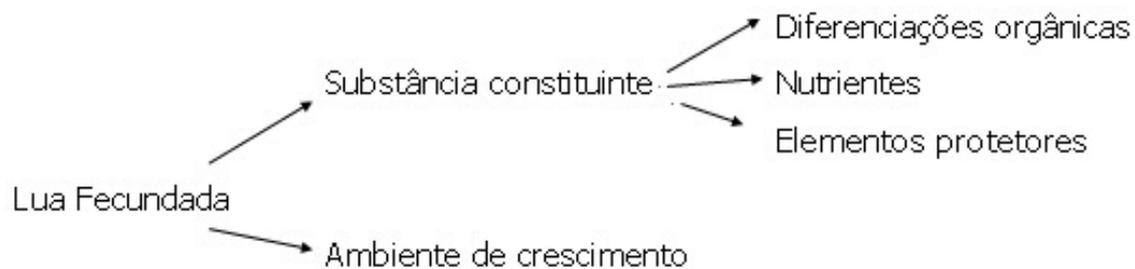
Agora seguindo com a função protetora, vamos tornar mais complexa a análise do vínculo entre a Lua e Saturno atendendo a sua relação estrutural com o Sol. A nova vida que cresce no interior do ambiente protetor vai desenvolvendo sua identidade singular - Sol - na medida em que a forma que lhe corresponde se imprime sobre - ou se manifesta em - a substância lunar, que por um lado se constitui em substância e por outro nutre e protege.

A auto divisão da gema do ovo fecundado em citoplasma ativo (embrião), vitelo (reserva de nutrientes para o mesmo) e clara (meio líquido protetor e transmissor), manifesta sua analogia nos mamíferos nas sucessivas transformações do óvulo, até que aparece o embrião. Este logo cresce no líquido amniótico rodeado pela placenta, através da qual se estabelece com a mãe o intercâmbio orgânico alimentício, respiratório, circulatório, excretório, etc.

Quando toda a substância tomou forma e foi incorporada - na verdade, ela foi destacada, isto é, "solarizado" - o corpo desenvolvido atinge o lado duro do limite de proteção: a concha do ovo ou a expansão máxima do útero materno que permite sua estrutura óssea. Termina uma fase de sua existência e alcança a forma final de um ciclo. Agora deve ir mais além do limite em que estava necessariamente confinado e dentro do qual elaborou a substância que tinha à disposição. Chegou o momento de expor-se ao aberto, emergir do sistema protetor e entrar em um sistema maior. Neste parto, ou na ruptura da casca, o Sol da nova vida se manifesta como uma transfiguração de todo o processo anterior em que desapareceu os componentes iniciais, sintetizados em uma singularidade: o bebê, o cachorro, etc.

Aqui começa um novo ciclo. Filhote e bebê devem aprender a viver em um ambiente muito mais vasto e radicalmente diferente daquele de seu estado embrionário, ao qual eles se adaptaram a perfeição. Agora experimentam uma vulnerabilidade máxima em relação ao ambiente de suas novas experiências, por isso, necessitam a proteção adequada até desenvolver-se na plenitude. Será necessária uma nova Lua que os alimente, lhes dê contato, calor e afeto, lhes ensine e lhes prepare no interior no novo círculo protetor - o novo limite - que neste caso serão o ninho, a caverna ou o lar.

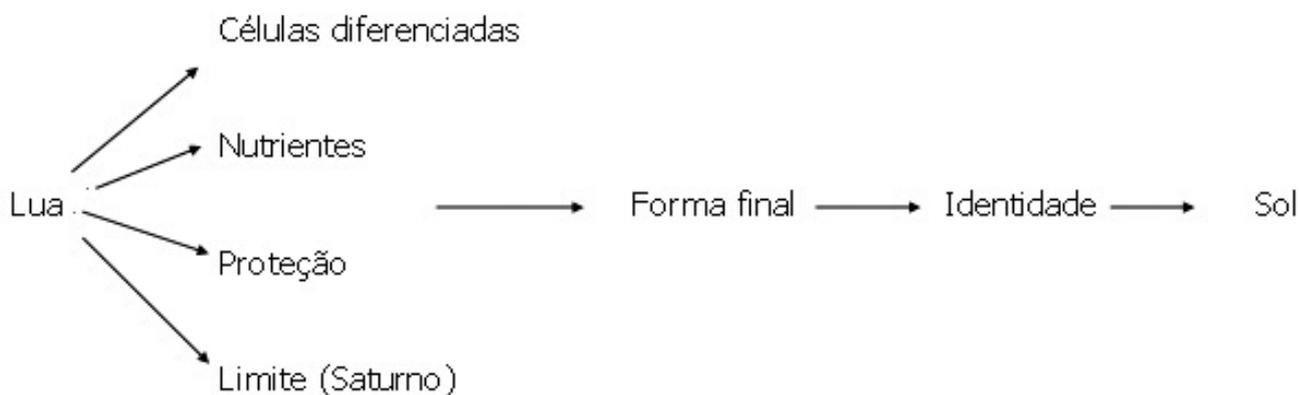
O importante para nós é constatar que sempre haverá um limite - um círculo - que fará possível o desenvolvimento de uma identidade que necessita ser protegida e nutrida até consumir as experiências dentro do círculo, para logo atravessá-lo ingressando em um sistema mais inclusivo. Este será o mundo dos sucessivos ambientes educativos para a criança. Em todas essas passagens se manifesta o mesmo padrão.



Aqui se desenvolve o complementar da Lua - ou seja, Saturno - como o limite que a nova vida não deve transcender, até ter esgotado o trabalho na substância lunar. Quando este ciclo terminar começará o seguinte em outros planos, a partir de novas substâncias (emocionais, mentais, espirituais, etc.). Este é um padrão universal de desenvolvimento, fácil de reconhecer na natureza, mas muito mais difícil de distinguir em planos mais sutis como os psíquicos, ou nas manifestações do destino ao longo de nossa vida.

## *Atensão com o passado.*

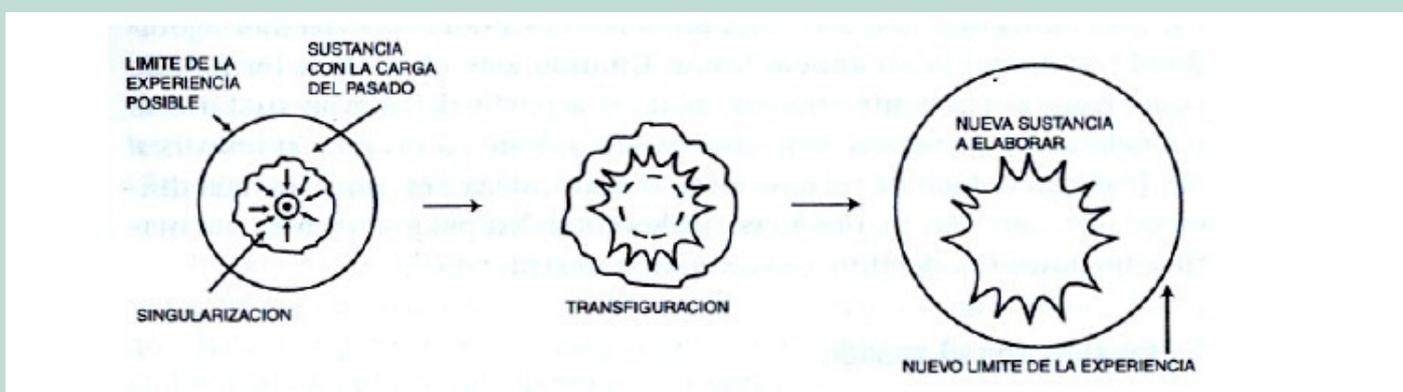
Vejamos este mesmo processo, mas agora do ângulo do Sol, a função singularizante. Esta se encontra latente na substância fecundada (Lua) e confinada dentro do limite protetor - Saturno- até que se realize o trabalho necessário que dá sentido a este limite.



A manifestação da função solar depende da entrega da Lua assim como a potência da energia de singularidade. Esta energia deve ser capaz de transformar os materiais indiferenciados carregados de marcas e padrões ancestrais, que arrastam tanto a torrente genética no nível biológico, como o psiquismo e o inconsciente coletivo na constituição do ser humano, padrões que inevitavelmente tendem a fragmentar e a reter em suas marcas tudo aquilo que luta por singularizar-se.

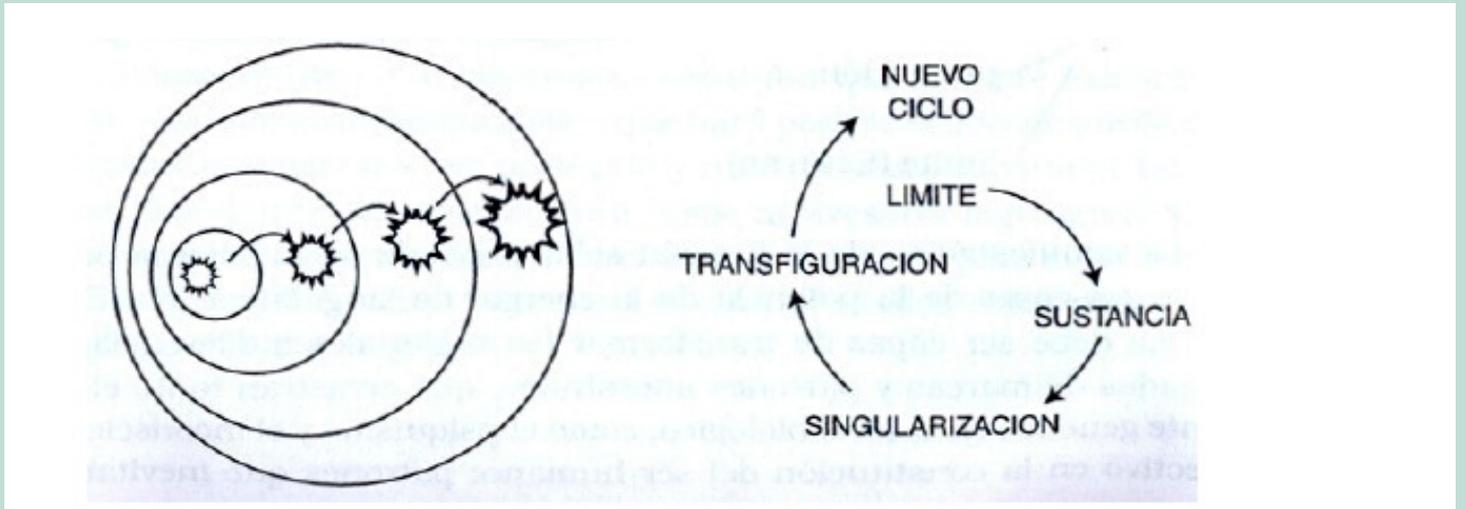
Para o novo indivíduo, tudo aquilo que vem do pai ou da mãe - e através deles com toda a humanidade, com suas tensões internas biológicas e psíquicas - são materiais não elaborados e de fragmentação. Esta tensão dos caminhos do passado constituem o novo ser, o nutre, o protege e o limita. Mas, ao mesmo tempo, ele deve ser capaz de imprimir-lhe seu selo particular para não desaparecer na torrente das repetições.

O êxito da função solar reside em poder manifestar plenamente a forma que o distingue, superando a inércia da substância atravessada pelas memórias e marcas que podem sufocar a singularidade e convertendo-o em um clone da substância mãe.



Este ciclo se repetirá uma e outra vez, desenvolvendo-se em círculos concêntricos ao passar de um sistema menor a outro maior, que a sua vez se constituirá automaticamente na Lua da fase seguinte onde serão elaboradas as modalidades afetivas de nosso meio ambiente natal ou os ideais, crenças e identificações familiares.

Mais tarde, em outra volta da espiral, se reitera o mesmo processo a fim de singularizar a substância desordenada do coletivo - que nos constitui, nutre, protege e limita - com seus arquétipos e padrões inconscientes.



Terminada a tarefa do primeiro triângulo Lua - Sol - Saturno no pessoal, surge de imediato um novo círculo de experiências que deverão ser agora elaboradas e transfiguradas no nível transpessoal o de si - mesmo.

Por outro lado, a universalidade deste padrão em que a Lua, o Sol e Saturno se transformam em um ou outro ciclicamente, nos permite compreender o desenvolvimento de um novo processo possível, que transcende inclusive o ambiente dos arquétipos do inconsciente coletivo. Nosso movimento cerebral fragmentário em relação a inteligência da ordem cósmica, constitui uma nova substância lunar e um novo círculo em que se desenvolve o seguinte trabalho de síntese e transfiguração. Desta perspectiva, se compreende melhor porque a astrologia hindu atribui a Lua o significado da mente; assim mesmo, porque a Lua está profundamente ligada ao signo de Virgem, no plano mental e na inteligência dos sistemas de vida de que formamos parte.

1º Nível → Elaboração e singularização da substância biológica

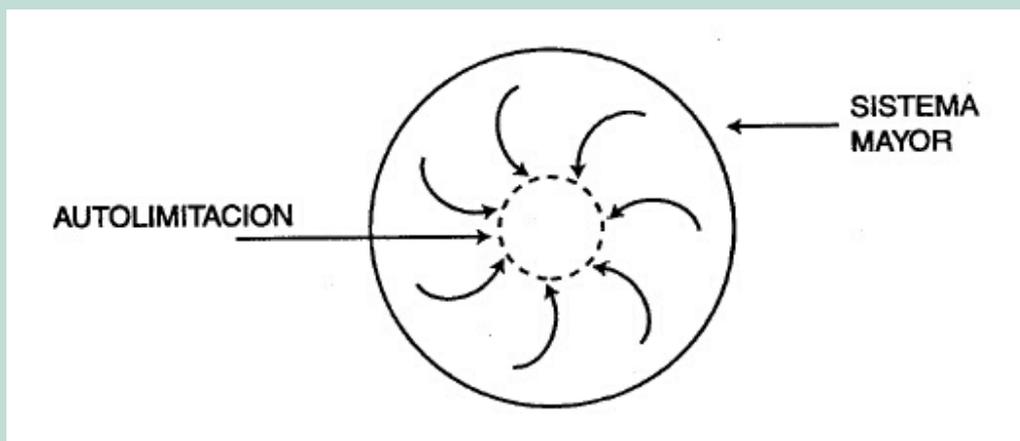
2º Nível → Elaboração e singularização da substância psíquica familiar

3º Nível → Elaboração e singularização da substância do inconsciente coletivo

4º Nível → Elaboração e singularização dos padrões mentais da espécie em relação a ordem da vida

## A auto-limitação do sistema inclusivo

Finalmente, se adotarmos agora o ponto de vista complementar, isto é, o do sistema maior. A necessidade de gerar variantes criativas para não se repetir eternamente no mesmo nível exigirá um ato de autolimitação. É dizer: aparecerá a necessidade de isolar certa quantidade de energia da dinâmica global, para constituir com ela uma zona que resulte inatingível para o mesmo sistema. Dito em outros termos: gerar - em alguma etapa do processo - um ambiente de menor intensidade capaz de filtrar e excluir as demais forças do sistema, é uma necessidade criativa.



Em geral não consideramos a auto-limitação como uma atividade criativa ligada a Saturno, pela qual se manifesta seu lado brando no interior da lei protetora. A energia que uma família destina ao cuidado e educação de seu filho, por exemplo, se incluem dentro deste conceito.

Assim mesmo, quando na organização de uma sociedade se fala do pressuposto educativo se está fazendo referência a necessidade de incrementar a quantidade de energia de cuidado e proteção - Lua - do sistema. A possibilidade de compreender como eminentemente criativo este aparente desvio dos projetos e expansões em curso, dependerá do sentido de responsabilidade e amadurecimento da dita sociedade, isto é, Saturno.

É evidente que este padrão universal de crescimento nos faz muito mais difícil de compreender quando se manifesta em níveis psíquicos e na trama do destino. Neste caso nos indica que necessariamente deveremos elaborar e esgotar - consumir - certos tipos de experiências que nos constituem, nutrem, protegem e limitam, antes de podermos nos abrir a outros níveis do desenvolvimento da estrutura de nossa carta natal.

Esta auto limitação, visto da totalidade de nossa vida, aparentemente nos encerra em um círculo inatingível, impossível de perceber como tal enquanto nos desenvolvemos em seu interior. Esse círculo é o tempo necessário para destacar a substância da rede de conexão na qual nós nascemos - para dar a nossa própria forma e qualidade - e os campos sucessivos através dos quais "o destino" nos leva a crescer, indo de círculo em círculo.

# O possível e o condicionante

Esta dialética Lua - Sol - Saturno que de fato incluem as funções planetárias restantes e que aqui simplificaremos necessariamente, manifesta vários pontos de tensão, em que aparecem nas chamadas ambivalências da função lunar.

Aquilo que é natural e bom em um dado momento do processo, passa a ser perigoso em um momento posterior, e assim uma fase não dá lugar a seguinte, chega inclusive a revelar-se como fatal. A mesma dureza da casca que protege o ovo, pode resultar mortal se não tem energia suficiente para rompê-lo. O momento de máximo crescimento do corpo no interior do ovo, aparecerá como uma estrutura sufocante e perigosa que deve ser destruída: se trata de uma questão de vida ou morte. A ambivalência entre proteção e perigo é aqui máxima e, por um momento, absolutamente real e inevitável, intrínseca ao processo.

A pergunta que poderemos fazer é: a Lua possibilita ou condiciona? E em seu extremo é então destrutiva?

Depende da inteligência da totalidade do sistema - isto é, de sua capacidade para relacionar as diferentes funções em cada momento do processo - que a Lua seja toda possibilidade ou, pelo contrário, todo condicionamento. Se, uma só de suas funções predomina em tempo demasiado inibindo a participação de todas as demais, o sistema se desequilibra perigosamente e coloca em risco um desenvolvimento posterior. Isto é evidentemente aplicável ao excesso de qualquer função, seja esta solar, marciana, mercuriana ou jupiteriana. A Lua - com seu complementar Saturno - ao ter como uma de suas funções a de excluir a intervenção das demais até que seja completado um processo, é quem conta com mais possibilidades de interferir.

Isto faz sua função ser particularmente dupla e, é o que gera em nosso inconsciente o arquétipo de suas duas faces.

De alguma maneira a diferença entre a possibilidade e o condicionante atravessará tudo o que se fale sobre a Lua ao longo dos capítulos seguintes, como uma tensão intrínseca a sua função em relação a força da função singularizante - solar - do sistema.

No plano biológico, se por alguma razão não houve energia suficiente para imprimir a forma requerida a substância, a criatura nascerá disforme. Na realidade será relativamente amorfa, isto é, sem a suficiente forma para governar as tendências de indiferença da função lunar e sua tendência a repetição cega das pautas do passado.

Em linhas gerais, o desenvolvimento do embrião repete fases da evolução da vida que a precedeu. Nisso se evidencia como todo o passado está na substância lunar e como, para poder manifestar-se, toda forma deve recapitular o essencial das anteriores ainda que se trate de uma mutação.

É propriedade da Lua - da substância básica - levar dentro de si toda a memória e entregá-la a uma nova identidade para que esta se elabore. Ao fazê-lo deverá enfrentar toda essa carga de tendências, marcas e padrões preexistentes cuja inércia é impossível de eludir.

Cada nova forma deve emergir destas marcas e padrões, renovando-os criativamente. O inevitável deste processo é mais fácil de perceber no plano biológico mas deverá realizar-se de forma análoga nos diferentes níveis: afetivos, das idéias e crenças, arquétipos, nos processos mentais, etc.

A trama das formas anteriores pode possibilitar a nova ou, pelo contrário, pode condicioná-la para impedir sua manifestação: esta é uma tensão inevitável. A singularidade deve se encarregar do passado da vida para manifestar-se como uma de suas variantes criativas. Esta parece ser, em definitivo, uma lei que opera em todos os processos em que participa a Lua. A insuficiência de vitalidade solar em relação a vitalidade lunar pode também fazer com que a atividade celular não receba a ordem - em termos de código genético - de seguir diferenciando-se.

Logo após adotar a forma de brânquias, por exemplo, os tecidos do embrião devem seguir configurando-se até sua forma final de pulmões, e assim com o resto do corpo até desembocar em sua forma definitiva.

Seguramente existe o risco de que a criatura estanque em alguma fase de seu desenvolvimento, em todo ou em alguma parte de seu corpo, morrendo ou apresentando má-formação mais ou menos grave.

As analogias desses fenômenos com os do plano psíquico são bastante evidentes e sobre elas nos centraremos mais adiante, ao falar dos mecanismos lunares em cada signo zodiacal. Aqui nos interessa pontuar que estas tensões parecem inevitáveis e expressam uma relação de função que em qualquer momento pode desequilibrar-se.

A criatividade da substância mãe pode não ser capaz de entregar-se a toda a potencialidade do filho - o singular e novo - deixando-o em consequência atrapalhado na inércia das memórias de que é portador, deformando-o. Isto, do ponto de vista arquétipo, pode observar-se em todos os relatos em que a mãe se transforma em bruxa.

# Temor e intimidade

Outra forma em que a qualidade protetora da Lua se manifesta é por meio de sua capacidade para criar um ambiente de intimidade e afeto, onde não é necessário apelar aos sistemas de defesa e agressão próprios de todo o organismo. Cada sistema possui qualidades agressivas e defensivas que impedem uma abertura total a outro ser, diante do perigo de ver-se atacado. Todo o animal, ou qualquer um de nós possui “alarme”, o qual se ativa diante de um sinal de perigo. Este é o registro da própria vulnerabilidade, manifestado como temor, e isto também é a Lua. Alguém ou algo se vê cercado em demasia e surge a ordem de fechar-se sobre si, de defender-se ou buscar refúgio, de não deixar entrar aquilo que acionou o “alarme”.

Ao mesmo tempo, como dissemos, uma das qualidades vinculares fundamentais da Lua é sua capacidade para estabelecer um contato que gera intimidade, inibindo esses mesmos sistemas agressivos e defensivos que impedem o fechamento. A intimidade é um círculo em que se pode depor todas as defesas e expor aquilo que está conotado com o mais vulnerável e necessitado de proteção, aquilo que não pode mostrar-se se que apareça essa atmosfera e essa afetividade que garantam que não haverá violência de nenhum tipo. Tanto o reconhecimento de que é necessário fechar-se, como o fato de permanecer fechado, e a capacidade de manifestar as qualidades que permitem a intimidade, são funções da Lua.

De que maneira opera esta qualidade? Basicamente, mediante o registro do conhecido. A Lua aciona de imediato as formas que percebe, com a velocidade muito maior que os registros conscientes, mas, em tanta memória, necessita reconhecer para manifestar-se, tanto para abrir-se como para fechar-se.

Por sua própria natureza, esse núcleo de extrema sensibilidade que configura a Lua não pode ser compartilhado com outros, no sentido de estranhos ou diferentes. A calma do animal no meio de sua manada, o pássaro no ninho, são exemplos desse círculo exclusivo. Ali, essa sensibilidade está disponível: só é possível permanecer em contato com outros se estes são conhecidos. Ao inverso, a rapidez para registrar o perigo e agir diante dele, é com certeza a função lunar.

A modalidade do afeto, que lhe é própria, se relaciona com o cuidado daquilo que pode ser mais afetado. A proximidade entre essas palavras afeto/afetado - revela a identidade do lunar com o extremamente vulnerável e necessitado de proteção, e sua natureza reativa a tudo aquilo que o ameace. Ao fechar-se no temor e abrir-se na intimidade, opera como uma verdadeira válvula de segurança em um nível inconsciente, disparada por formas e sensações previamente associadas ao perigo ou a segurança. Pelo contrário, a possibilidade de abrir-se ao desconhecido não faz parte da função lunar.

Os momentos, quem sabe mais exigentes para ela - e em consequência para a dinâmica do conjunto do sistema - se produza quando ciclicamente se deve abandonar o conhecido inaugurando-se um novo ambiente de experiências, como o momento do nascimento e em todos os novos nascimentos ou passagem a outros níveis da realidade. Com o pânico e a angústia do bebê diante da dramática situação de nascimento, que só recupera sua calma no contato com o corpo da mãe (o conhecido na situação desconhecida), a Lua buscará os registros que ressoam em sua memória para poder recuperar seu sentido de segurança.

Ligada a si mesma, a Lua não saberá reconhecer a proteção que existe naturalmente no novo círculo de experiência, e tenderá a fechar-se buscando o remanescente das experiências anteriores. Só assim existe uma real integração das funções de abertura diante do novo, próprias do resto do sistema - Vênus e Júpiter fundamentalmente - poderá haver verdadeira entrega a nova situação e o conjunto inaugurará a seguinte fase de sua vida. Mas, ao inverso, não pode existir uma real abertura ao desconhecido que não inclua a Lua. Caso contrário os níveis mais vulneráveis buscarão segurança e proteção e, até encontra-los, obrigarão o sistema a dissociar-se para inibir os sinais de alarme da Lua. Isso poderá durar um tempo mais ou menos prolongado, mas cedo ou tarde, todo o sistema dissociado deverá retornar ao relegado para conservar sua unidade.

## O feitiço da Lua

Temos visto que a função lunar é o canal que cria um espaço temporariamente fechado dentro de si. Para aquilo que cresce em seu interior, provisoriamente separado do que o contém, se gera a ilusão inevitável: que esse mundo fechado se conhece é a totalidade da existência.

Para a consciência em desenvolvimento, nessa fase do processo não existe nada além do imediato, que é o espaço constituído pela Lua. Ali é possível experimentar a completude, no sentido de um estado em que estejam satisfeitas todas as necessidades.

O bebê no útero ou nos braços da mãe, ou a criança brincando no lar pode - e deve - experimentar a sensação de totalidade e de absoluta segurança. Não pode imaginar as limitações e necessidades nas quais estão submetidos os pais, por exemplo.

Provisoriamente estão excluídos - protegidos - da verdadeira dinâmica do sistema maior. Ali, o amparo lunar, onde é possível visualizar os limites do campo da própria experiência no tempo e no espaço, é fatal imaginar a permanência indefinida nesse estado e a existência daquilo que não tem limite algum. A fantasia sobre a existência do que é completo em si mesmo, do absoluto que não tem necessidades e que não requer articular-se com o que é diferente a ele, se produz naturalmente no interior da Lua.

Esta fase de máxima segurança, com suas imaginações, é imprescindível para o correto desenvolvimento daquilo que cresce assim protegido e isto é bom para o conjunto do sistema. Como temos dito, estes se excluem desse interior para não prejudicar o processo, mas ciclicamente esta fase deve terminar. Em um determinado momento se produzirá a ruptura do limite e o que estava protegido deverá entrar em um ambiente de complexidade insuspeita para ele.

No reino animal, a mãe expulsa naturalmente a cria quando a amamentação termina - que, em condições naturais, pode coincidir com uma nova gestação - e automaticamente outras funções entram em jogo para que continue a experiência do animal. Mas esta conduta natural pode não se produzir no plano da consciência. A identificação com o estado anterior e a fixação com os imaginários que este gerou, podem fazer com que o incipiente indivíduo não seja capaz de abrir-se a novas experiências que sua estrutura lhe propõe, em seu desejo de manter a completude perdida. Isto incrementa seu temor e sua sensação de insegurança e, em consequência o leva a dar respostas incorretas a novos desafios, enquanto persegue aquela totalidade que já não pode mais regressar.

Neste ponto podemos nos perguntar: entrega a Lua toda a sua potência aquilo que cresceu nela, para que continue exitosamente seu destino? Ou o enfeitiça, privando-o de sua força e incapacitando-o para crescer em seus novos estágios?

Novamente estamos diante da ambivalência da função lunar que, por suposição, não permite uma resposta linear a pergunta. Esta tensão forma parte da dinâmica global do sistema e não é atribuível a nenhuma de suas partes em separado, e sim a articulação do conjunto.

Devemos reconhecer que existe a tentação de responsabilizar uma ou outra função das limitações do processo. Este desejo de identificar o benéfico e o maléfico com uma parte, evitando a aprendizagem complexa da verdadeira dinâmica da totalidade, é precisamente aquilo que denominamos feitiço da Lua e reconhecer suas qualidades e carências dependem do contexto global. Uma dimensão interna nossa prefere simplificar essa complexidade da dinâmica dando a Lua uma cara absolutamente maravilhosa e deixando outra, a escura, como absolutamente terrível. É preferível sustentar a Mãe Celestial - as custas de suportar a Deusa Kali em suas sombras - que renunciar a existência dos objetos absolutos. Esta construção de identidades totalizadoras que mascara a correspondente ilusão de um sujeito absoluto, é própria da fixação em uma fase lunar da experiência.

Aqui fechamos o circuito e regressamos ao princípio do capítulo, vendo como a pretensão de definir cada símbolo em separado, e a negação em entregar-se a estruturas complexas, se relaciona com as dificuldades que apresenta a função lunar. Essa dificuldade é arquetípica, estrutural, e só compreendendo a fascinação da consciência em permanecer no feitiço da fragmentação que lhe permite imaginar o absoluto, podemos nos dispor em nos aprofundar nela.

Cada vez que necessitamos permanecer fechados a uma experiência por temer que se desorganize aquilo que, real ou imaginariamente, ainda não tenha terminado de constituir-se, estamos no âmbito da Lua.

É próprio do indiferenciado e do que não tem forma, mas que está destinado a tê-la, desejar uma forma perfeita e acabada em que exista a possibilidade de esvaziar-se e permanecer ali para sempre. Esse desejo de descansar em uma forma absoluta é o destino da dinâmica lunar. Uma vez cumprida a função, pelo simples fato de se realizar se abre uma nova dimensão da qual fica excluída, do mesmo modo que o resto do sistema ficou excluído na anterior. A nova fase aparece necessariamente como um vazio e um abismo para a consciência ainda identificada com a experiência prévia. A memória - função lunar - não é apta para mover-se nessa nova fase, porque não pode distinguir formas conhecidas para nelas agarrar-se. Que se manifestem de maneira integrada outras funções, capazes de aprender a modalidade do novo espaço/ciclo, ou que a memória projete sobre ele suas imagens para recuperar a segurança perdida, é uma alternativa que sempre permanece aberta. De fato, é provável que aconteçam as duas coisas: poder discerni-las dentro desta tensão é parte do crescimento.

A tendência a identificar-nos com as formas e nos fecharmos sobre nós mesmos para escapar do vazio do desconhecido é inerente a substância histórica que nos constitui, nos nutre, protege e nos limita. Essa é nossa Lua e devemos nos ocupar com ela. Estudar suas manifestações e suas qualidades implica focar seus limites e dificuldades e, sobre tudo, compreender a lógica que substabelece todas as suas manifestações.

# A Lua cheia

Encerramos esse capítulo com uma reflexão simbólica sobre a vivência de completude, própria do imaginário da função lunar.

No momento da Lua cheia esta parece completa e total, como se levara o Sol dentro de si. Simbolicamente, a forma receptiva parece ter se apropriado da energia ativa; a Lua está cheia de Sol e a existência de uma forma absoluta parece um fato certo.

O que realmente se produz no momento da Lua cheia é uma relação plena entre a Lua e o Sol - que inclui a Terra - e na primeira pode refletir em sua máxima intensidade de luz o Sol iluminando a noite terrestre. Se trata de uma perfeita alienação cíclica entre dois pólos com respeito a um terceiro que necessita de ambos. A plenitude desse relacionamento não absolutiza nenhuma de suas partes, mas para apreciar isso, a consciência deve ser capaz de contemplar todo o processo, sem ser absorvido pelos fragmentos.

No instante de equilíbrio cíclico que ilumina o mundo da noite como se fosse dia, possui uma intensidade perturbadora diante da qual a consciência tem reações de maneiras diferentes. Por um lado - nos diz a mitologia popular - nas noites de Lua cheia aparece o Lobisomem, o homem lobo. Com isso se simboliza o momento em que a consciência - em sua máxima amplitude quando assiste a uma totalidade cíclica - pode ao mesmo tempo perder seu equilíbrio e ficar identificada com o lado escuro. O mais regressivo, selvagem e indiferenciado, representado pela fera que vive na manada, surge dentro do ser humano e anula milênios de evoluções e crescimentos em um instante: as memórias do passado, com sua potência, devoraram a diferenciação solar.

Por outro lado, teremos a arquétipo do romance em que a união absoluta entre as formas, parece possível e eterna. O feitiço romântico das noites de Lua cheia ativa o arquétipo da união perfeita e a consciência - ainda identificada com a forma - fica capturada por eles, cheia de ilusões dos amantes que sonham pertencer a outra dimensão. Neste caso, o mundo da forma se apropriou do êxtase cíclico da totalidade encerrando-o dentro dos limites de sua imaginação.

Mas existe outro nível de manifestação para essa experiência. A consciência que permanece em contemplação durante o tempo de Lua Cheia pode ser iluminada em um instante de alienamento, adquirindo sua máxima expansão dentro de um processo cíclico. A energia do signo solar desse período revela seus segredos e, por um momento, a consciência humana participa da meditação dos céus. Mês a mês, no pulso das lunações, a relação entre substância e energia vai debulhando um itinerário em que se enriquece a consciência em meditação, em um padrão previsível, mas com conteúdos sempre diferentes.

Nessas três percepções de um mesmo acontecimento que envolve a Lua podemos visualizar a coexistência da regressão, a ilusão e a receptividade criativa. As três, como temos visto, são manifestações da função lunar.

É interessante observar que o lobo - animal selvagem - fica fascinado pela Lua e lhe entrega seu canto, solitário ou junto a manada. Por outro lado, os grandes antropoides - gorilas, orangotangos e chimpanzés - se reúnem habitualmente em grupos sobre a planície africana, para observar silenciosamente o ocultamento do Sol no esplendor de seu acaso.

Esta fascinação pelo Sol, não diferente dos humanos, parece nascer das entranhas de nossas descendências evolutivas.

Quem sabe à nós, como espécie, não está determinado ir além da fascinação por um ou outro desses corpos - Sol e Lua - e poderemos algum dia permanecer abertos a trama completa dos céus, na contemplação de seus ciclos e constelações.

## OMecanismo Lunar

Biologicamente somos mamíferos, entramos na vida através do corpo de nossa mãe, quem nos alimenta e protege ao longo de nove meses de simbiose. Recém-nascidos, necessitamos afeto como substância básica para sobreviver e nos constituir, além da nutrição e cuidados constantes durante vários anos, antes de podermos nos auto sustentar.

A estrutura heliográfica do universo que nos permite perceber a astrologia, indica que deve ter na mandala natal uma qualidade equivalente a este processo, que se manifesta com tal força no início de nossas vidas como para excluir, no possível e pelo tempo necessário, as demais correntes de nosso campo de energia. Assim como na dimensão física entramos na existência através de nossa Lua.

É dizer, nascemos associados a uma qualidade básica com certas características e padrões (signos, casas, aspectos, etc.) que nos envolvem como se constituíssem um casulo ou ninho energético; este deverá predominar pelo tempo suficiente até que se cumpra sua função que, como temos dito, consiste em nos dar a substância básica para que se permita adquirir nossa primeira forma e identidade, nutrindo, protegendo e limitando-nos com esse objetivo.

A Lua de nascimento é nossa energia mãe, a energia mais familiar para cada um de nós, que se desenvolve automaticamente com sua qualidade particular, a fim de constituir o que nos rodeia ao nascer.



Este aspecto “mãe”, inscrito no holograma natal, se expressa em primeira instância nas características do vínculo com a mãe real da criança e aquilo que esta lhe transmite através do corpo e as emoções, durante a gravidez e os primeiros anos da criança; também se manifestará como qualidade dominante no campo afetivo o que constitui o lar e a família.

Uma das tarefas mais difíceis para quem estuda astrologia é poder transcender a força do paradigma psicológico centrado no indivíduo. Segundo esse, adquirimos nossas qualidades emocionais e afetivas por identificação com o meio ambiente imediato, percebido a partir da perspectiva habitual como independente do ser que nasce. Visto assim, as pautas emocionais dependem dos pais e demais participantes de nossa primeira infância; não distinguimos nelas um padrão necessário, uma estrutura ligada a criança e, sim que psique se conforma no exterior, a partir das identificações e experiências, em um meio “casualmente” associado a pessoa que o experimenta de forma passiva. É dizer, para nossa percepção habitual, a estrutura psicológica se constitui historicamente através de uma sequência de interações, acontecimento e experiências aleatórias, em que se constituem as pautas familiares, culturais e, em resumo, padrões inconscientes coletivos.

É possível que alguma teoria ou corrente psicológica admita a presença de características inatas, genéticas ou arquetípicas, mas nenhum se atreveria a afirmar que a trama vincular da criança, e inclusive os acontecimentos principais de seus primeiros anos, respondam a uma estrutura necessária, anterior a sua manifestação objetiva.

Para nós, por outro lado, a Lua - e o restante da carta natal - é, como matriz, inerente a criança e, conseqüentemente, todas essas interações e eventos respondem a um padrão de manifestação anterior à externalização da mesma. Não há outra modalidade afetiva para ele: se materializa nos comportamentos maternos e nas características familiares. O meio ambiente afetivo - que inclui todos os acontecimentos “externos” suficientemente intensos como para afetá-lo emocionalmente - deve reproduzir o que é simbolizado pela Lua no instante do nascimento.

Isto ignifica que é a criança que determina seus pais? Evidentemente que é só o oposto linear do raciocínio anterior e ambos expressam a mesma unilateralidade preceptiva. Em um caso, o meio determina a criança e no segundo, suas energias - ao manifestarem-se - geram seu campo emocional, impondo-se ao meio. É preciso abrir um espaço em que possamos pensar em termos de matrizes heliográficas, que se manifestam em rede de acordo com ciclos e padrões matematicamente relacionados entre si, ordenando nossos vínculos em uma estrutura que supera a dicotomia entre “indivíduo - meio ambiente”.

Não teremos, por hora, uma linguagem para expressar isso. Precisamente, o sistema simbólico correto para fazê-lo é a astrologia, mas como pensamos em português, enquanto aprendemos deveremos nos resignar a traduzir continuamente uma linguagem à outra.

Porém, já dissemos que isto não é congruente, sempre há um abismo a salvar na tradução e por isso se faz necessário explicitar o modo astrológico - ou a má tradução que fazemos do mesmo - através do qual capitamos os conceitos. É necessário permanecermos atentos ao fato de que interpretamos o que a astrologia nos mostra, desde as estruturas inconscientes ligadas à nossa linguagem cotidiana, sendo a principal a divisão sujeito - objeto.

A possibilidade de contemplar articulações cíclicas e estruturas complexas nos permite intuir um nível de realidade em que o “sujeito” é o vínculo. Desta perspectiva, é uma abstração isolar um indivíduo do outro na rede que se desenvolve; cada mandala natal expressa não só uma estrutura heliográfica - na qual a ordem do sistema solar se reproduz em cada um de nós com diferentes proporções - e sim o modo e o tempo em que os demais seres humanos aparecem na trama de nossa vida. Nascemos em um momento, lugar e contexto vincular apropriados, como para que se façam matematicamente afetivas as relações previstas em nosso instante de nascimento e nos demais.

Cada carta natal está ligada tanto a sequência simbólico-matemática de seus pais, avós e tios, como a ordem da rede vincular que se exteriorizará no futuro, irmãos, amigos, parentes, filhos, etc. Todas essas estruturas devem ser congruentes entre si.

# O Desenvolvimento da Lua Natal

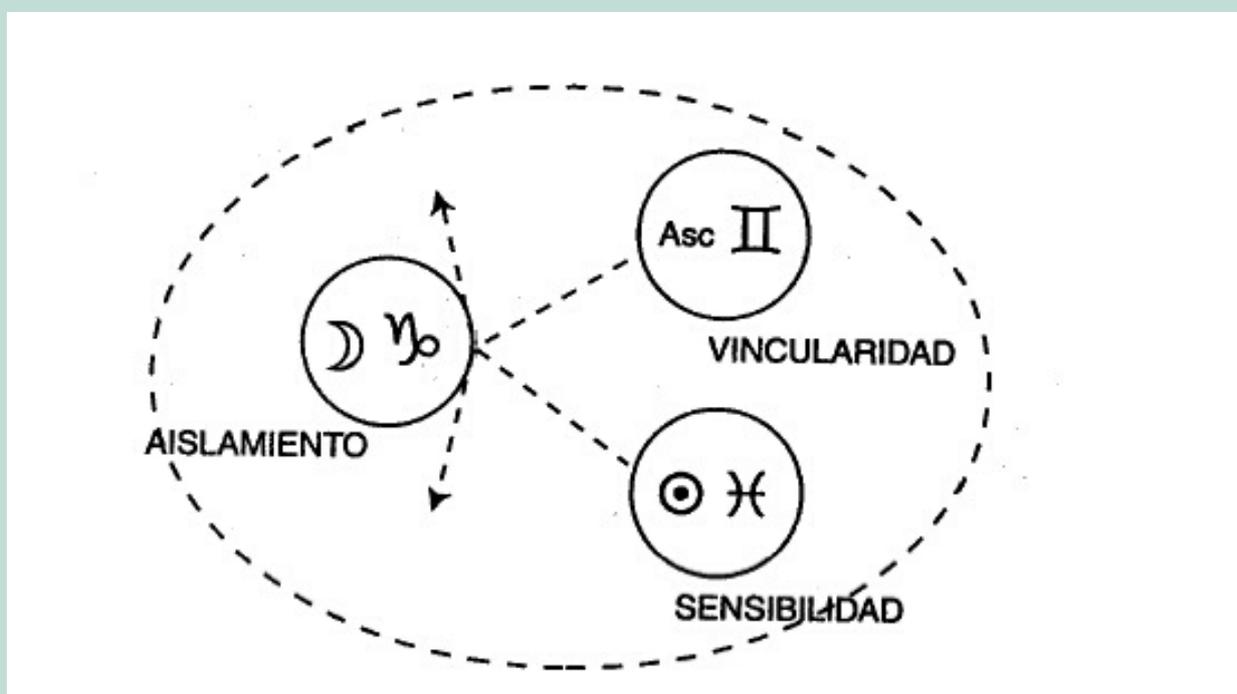
Limitando-nos ao fator lunar, digamos por enquanto que o ser que nasce habita e toma forma no útero materno e, mais tarde, em seu colo, com a cordialidade e modalidade afetiva que constituirá seu primeiro habitat emocional. Nesse enredo de estados psíquicos e mensagens maternas se apresentam a qualidade peculiar - Escorpião, Libra ou Capricórnio - que corresponde à Lua da criança: ela está em / com sua lua.

Esta energia dá ao bebê uma sensação de completude, desde que se excluem provisoriamente o registro dos outros componentes da carta natal. Muito mais além, “exteriores” a esta estrutura mãe-filho, ficam as demais qualidades, seu Saturno encarnado em seu Pai, Mercúrio corporizado em seus irmãos, e os demais elementos que se materializarão/descreverão - em termos astrológicos - o contorno familiar e os primeiros anos de sua vida. Qualquer sucesso, simbolizado pela carta natal através dos outros planetas, deverá atravessar o filtro protetor da intimidade mãe-filho (Lua) para poder afetá-lo. Aqui pode ver-se de que maneira a energia lunar cumpre sua função peculiar dentro do sistema.

Seu significado se estenderá as características do lar e o contorno íntimo que rodeia a mãe e o filho, em um segundo círculo em que a criança fica protegido do resto do mundo, é dizer, do resto de sua carta natal. A mãe, o tipo de lar, o afeto fornecido pela família, tudo isso possui uma estrutura coerente que reflete a Lua da criança. Mais tarde, ao longo de sua vida, este padrão protetor voltará a aparecer através de vários contextos, desde as professoras do jardim de infância até os vários ambientes em que se mova. Onde se sinta contente, aparecerá a matriz lunar.

Ao habitar esse casulo protetor de múltiplos níveis, a criança vai constituindo sua primeira identidade que estará determinada pelo signo da Lua. Tratando-se de Áries, Touro, ou qualquer dos outros signos - com a completude que lhe agregam os aspectos e a posição por casa - a partir dessas particularidades e em cada caso diferentes sensações iniciais de segurança, intimidade, temor, afeto, tomará contato com a manifestação das outras energias; o Ascendente, o Sol, Saturno, Marte, etc., que a partir desta identidade provisória serão experimentados como estímulos “externos”.

De forma simétrica a importância da mãe e a família nos primeiros anos, a qualidade lunar se imporá à consciência, que dependerá, para sua sensação de segurança, da presença de seus atributos: a ação para Áries, ou a excepcionalidade para Leão, ou a ordem para Virgem. Ali se fixa uma memória afetiva que rechaça ou foge de experiências que contradizem a qualidade lunar, gerando um circuito que reforça a identificação. O núcleo isolante da Lua em Capricórnio, por exemplo, não poderá reconhecer nas experiências associativas de um Ascendente em Gêmeos e inclusive inibirá por muito tempo a sensibilidade de um Sol em Peixes, posto que ambas qualidades são extremamente abertas, em termos energéticos, e colocam em perigo a modalidade afetiva capricorniana.



Desta identidade fragmentária surgirá o desejo de repetição, que deveremos diferenciar da matriz energética lunar. Distinguir entre a proteção psicológica de uma memória emocional e a objetivação de um padrão energético, é um trabalho fundamental na análise das Luas.

De todo modo, dentro dessa primeira identificação, e graças a ela - seguindo com um paradigma esboçado na primeira parte - se desenvolverá no tempo uma segunda identidade, simbolizada neste nível pelo Sol, que crescerá na matriz afetiva até expressar-se como identidade pessoal. Esta autoconsciência que vai mais além da afetividade deverá aprender a elaborar suas relações com o resto do sistema energético, os demais planetas, signos, casas e aspectos. É nesta aprendizagem que se desenvolve a trama habitual de nossas vidas: um eu fragmentário que busca a realização de seus desejos, em um campo vincular que experimenta como alheio.

Mais além de nossas reações psicológicas diante da manifestação energética, as qualidades lunar e solar se desenvolverão integradamente, de acordo com ciclos e ritmos naturais. Terão assim a oportunidade de abrir-se as energias do Ascendente e dos outros fatores mais distantes da consciência, em que aprenderá a não se identificar com o passado para reconhecer no agora as manifestações cíclicas da estrutura.

Se esta fase madura, com a necessária resignificação da sensação do eu separado, se faz possível então um segundo processo, que desemboca na expressão da qualidade sintética de si-mesmo ou do centro da mandala natal. Nestes níveis, a Lua seguirá se manifestando não mais como refúgio, e sim integrada ao resto do sistema na imprescindível capacidade afetiva e de contato, contribuindo com o talento específico de sua qualidade zodiacal a organização da personalidade, primeiro, e do que podemos chamar segurança, depois.

# O refúgio da memória

Como vimos na introdução, o arquétipo da Lua possui uma dinâmica evolutiva que apresenta um ponto de inércia, neste, a mesma qualidade protetora e nutritiva se transforma subitamente em regressiva e cristalizante. Aquilo que em um ciclo natural (as fases lunares), e em um nível biológico, acontece com toda espontaneidade - isto é, a consumação do processo lunar com sua dissolução da qualidade protetora e a natural liberação do protegido - se converte em uma experiência complexa no nível psicológico.

A identidade constituída no habitat da Lua se fixou e busca a repetição da qualidade afetiva - a única associada a segurança - para seguir protegendo-se das demais energias da carta, que ainda são vividas como ameaçadoras. O ambiente isolante da Lua em Capricórnio do exemplo anterior, se apoderará da consciência que reúne a excessiva sensibilidade de seu Sol em Peixes e a abertura de seu Ascendente geminiano. Quase com segurança buscará conscientemente o rechaço e a solidão para permanecer na situação de isolamento conhecida que, ainda que com sofrimento, será mais segura que o desconhecido.

Como uma tartaruga que permanece por muito tempo em sua casca já pequena por seu próprio crescimento, a persistência da identificação com a qualidade lunar demora a expressão da nova identidade e distorce o processo de integração das energias mais distantes para a consciência. Esse núcleo temeroso se fecha sobre si e experimenta sistematicamente as demais qualidades que deverá assimilar ao longo de sua vida - os planetas restantes, o Ascendente, etc. - como alheias à ele.

A consciência seguirá imaginando que não existe perigo e há afeto a disposição, só quando se produzem as situações próprias da matriz lunar, por exemplo, quando há contato corporal em Touro, palavra em Gêmeos, acordo em Libra. Mas na maioria dos casos isto não é real, posto que não estão vivendo as mesmas situações da infância, por conseguinte, deixam de ser válidos os recursos daquela época.

A Lua, enquanto qualidade energética, prossegue com seu ritmo natural reaparecendo ao longo da vida adulta em contextos novos e integrados ao conjunto da carta. Mas a consciência, fixada na manifestação dessa qualidade nos primeiros estágios de sua experiência, a terá reduzido a um mecanismo psicológico em que se refugia toda vez que os acontecimentos superam seu umbral de segurança emocional. Se um empresário - aparentemente exitoso e maduro - atravessa por uma crise, seria absolutamente lógico e saudável que busque o contato com sua família e seus afetos, para encontrar consolo e sustento emocional em uma situação difícil. Aqui está representada a energia lunar em sua integração positiva com o restante do sistema, num padrão de contenção de permanência.

Seria mais estranho, por certo, que para consolar-se fosse buscar a mãe, tendo já construído em sua vida um emaranhado emocional maduro e diferenciado, ainda que possamos supor que em uma situação de intensa crise, a pessoa deseje o consolo em seu afeto mais primário. Mas o que realmente exemplificaria o mecanismo é o caso em que esse empresário, rechaçando qualquer vínculo que não seja a presença da mãe, se fecha na casa desta negando-se a sair, na convicção de que só a presença materna resolverá suas dificuldades.

Ainda que pareça um exagero, isto é o que acontece habitualmente com nossa Lua, sem que o percebamos; a identidade integrada que - como a tartaruga - saiu da casca lunar para continuar crescendo, na realidade permaneceu aderida a ela. Apenas, no campo energético, uma dinâmica particular afeta aquilo que temos configurado como seguro, nos retraímos em busca do mais conhecido - a Lua - de um modo tão absurdo como de uma tartaruga que busca esconder-se em sua casca cada vez que se sente ameaçada, acreditando que assim estará protegida.

Isso é o que chamamos mecanismo lunar e é fundamental a distinção da qualidade lunar e seus talentos. O mecanismo lunar é uma repetição regressiva de uma matriz imaginária de segurança. Aquela qualidade que serviu como proteção e ninho afetivo na infância, simplesmente já não cumpre essa função, porque as condições terminaram.

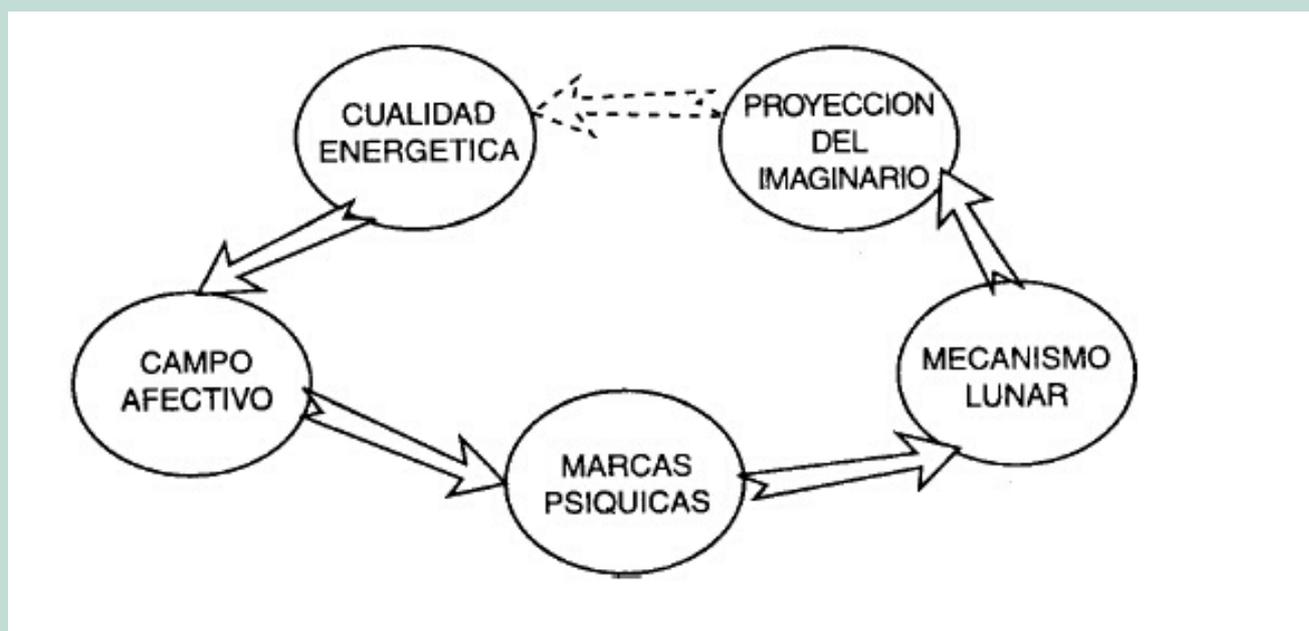
A inércia do hábito imagina sua repetição e recorta a realidade para convencer-se de que esse cenário ainda é possível. Por isso, é falsa a segurança que sua perpetuação oferece e desta ilusão surgem inúmeros conflitos de destino; de qualquer maneira, isso se produz em nós de forma quase inevitável. É toda uma aprendizagem dissolver a autonomia da memória lunar que se projeta inconscientemente sobre o mundo, para poder viver de forma integrada as qualidades de nossa Lua.

Assim como distinguimos - em ordem diferente de realidade - padrões de desenvolvimento energético que constituem as matrizes básicas da astrologia, também devemos descobrir o modo através do qual o ser humano reage diante deles, configurando padrões de respostas que, ao tender a fixação, produzem sofrimento e a repetição sistemática de sequências de acontecimentos (destino).

Um de nossos padrões de respostas mais importantes é o mecanismo lunar; compreendê-lo é fundamental, para diferenciar entre aquilo que a matriz energética expressa e o modo em que a consciência fica atrapalhada por uma trama de reações e projeções.

Nos capítulos seguintes distinguiremos para cada Lua:

- a qualidade energética que lhe é própria.
- sua manifestação como campo afetivo de nascimento.
- a maneira em que a vivência, dentro desse campo afetivo, marcam a criança e pautam uma história e uma memória com que se configura o mecanismo psicológico.
- o mecanismo lunar como fonte imaginária de segurança e afeto.
- a projeção desse imaginário em pessoas e situações, o padrão de destino que assim se estabelece.
- a unilateralidade e subjetividade das mensagens afetivas ligadas ao mecanismo lunar.



# A estrutura desse livro

O principal objetivo deste livro é explicar o mecanismo de cada uma das luas com o máximo de detalhes possíveis, pois é capaz de inibir e distorcer a expressão das outras energias do sistema, escurecendo a qualidade lunar de cada espaço zodiacal. Esta qualidade pode aflorar na medida em que o mecanismo, a ser esclarecido, perder seu poder de fragmentar a percepção.

Assim mesmo, a particular qualidade afetiva de cada pessoa, em que se sintetizam vários fatores da carta ao redor da sensibilidade lunar, não poderão de manifestar de forma madura se o mecanismo não deixar de agir. Enquanto esse predominar, o nível emocional se mantém relativamente dissociado do conjunto da personalidade - de forma específica para cada caso - provocando fortes conflitos “internos” que refletirão no “externo”, e vice-versa.

Descrever doze luas - ou mecanismos lunares - só tem sentido a partir de uma perspectiva pedagógica. Cada Lua aparece sempre ligada as experiências de uma casa concreta, rege outra e geralmente está aspectada por um ou mais planetas. Em relação a estrutura emocional - familiar básica, deveríamos incluir também a informação que nos dá a Casa IV e dos planetas que eventualmente estejam presentes nela, mais os que a aspectam. E para ser rigoroso, teria que complementar tudo isso com as referências de Saturno e a Casa X. Ou seja, que na realidade, teríamos que sintetizar apropriadamente todos esses elementos para falar de “estrutura ou complexo lunar” de cada carta.

Nenhuma matriz heliográfica divide a informação em comportamentos parados. Como se pode ver nas modernas teorias sobre o cérebro, a informação aparece dispersa e repetida em diferentes lugares, de forma idêntica em alguns casos e com diferenças em outros, de acordo aos diferentes “pacote de informação” com os que se encontra associada. Conforme a necessidade - ou, mais precisamente, a pergunta - a atividade cognitiva recorre aos dados acumulados em diferentes lugares ou circuitos, e os relaciona de maneira a obter a maior informação significativa possível.

Podemos dizer o mesmo sobre a carta natal, como fonte de significação. O olhar holístico captura o que necessita, de acordo com uma complexa atividade analógica pela qual estabelecemos semelhanças e diferenças em diferentes níveis simultâneos (energéticos, arquétipos, psicológicos, vinculares, de acontecimentos, etc.). Educar esse olhar é uma sutil e paciente tarefa em que aprendemos a recorrer os caminhos de ida e volta, da síntese em análise. Não acredito que possa se ensinar por escrito como articular toda a informação referida a “estrutura lunar” de um indivíduo. O que faremos aqui é descrever para cada Lua um núcleo comum em distintas posições (entre elas, a casa onde se encontra a Lua, os aspectos à esta, a casa IV, etc.). No contato, os caminhos através dos quais este núcleo se manifesta em relação a vínculos específicos, acontecimentos, modos psicológicos diante da experiência - ou seja, se estas são vividas como “externas” ou “internas” - e demais níveis, serão diferentes segundo cada posição e não nos ocuparemos deles.

No apêndice do texto se enumeram diferentes fatores que possuem uma forte analogia entre si que ressoam com o núcleo descrito em cada signo lunar. Por exemplo, a Lua em Áries possui analogia com os aspectos duros entre a Lua e Marte, ou com Marte na Casa IV; e assim sucessivamente, nos demais casos.

É necessário sublinhar que essas são analogias e de nenhum modo identidades, e que seu agrupamento tem como único sentido captar sinteticamente o padrão de reação psicológica diante das diferentes estruturas energéticas, diferentes em cada caso. Deve atentar a isso com muito cuidado posto que, ao associar desta forma as distintas configurações, se corre o risco de acreditar - por exemplo - que Marte na casa IV é o mesmo que Marte em quadratura com a Lua. Enfaticamente, isso não é assim. Mas sim que a configuração emocional reativa diante de cada um desses padrões de experiências é precisamente a mesma; e isso é o que nos interessa sublinhar, ao agrupar essas analogias.

Descrever uma qualidade lunar fora do contexto específico de determinada carta é uma abstração necessária, destinada a aprendizagem. Nada responde linearmente a essa descrição: só pode ressonar nela e assim ampliar sua compreensão de si mesmo, dos demais e da relação entre a estrutura do sistema solar e o ser humano. Neste sentido, o presente livro não está escrito para quem queira uma descrição de si mesmo a partir da leitura de “sua” Lua. Seria uma ingenuidade, por outra parte, acreditar que tal coisa é possível através de um texto. Nosso objetivo é oferecer material para a aprendizagem em um nível básico e, neste sentido, se pressupõe que o texto tem de ser lido de forma completa. A temática irá se desenvolvendo capítulo a capítulo, crescendo em complexidade na medida que prosseguimos pelo zodíaco. As primeiras luas se analisam de forma mais simples e, a medida que se vai incorporando conceitos, as descrições se enriquecem e surgem mais conteúdos teóricos a cerca do tema e seu conjunto.

Assim a compreensão das Luas correspondentes ao final do zodíaco permite entender melhor as primeiras. O zodíaco é um sistema recursivo em espiral: ao chegar a Lua em Peixes se fechará um ciclo e estaremos em condições de reiniciar outro, com uma perspectiva mais profunda.

Uma vez plantadas as articulações psicológicas, provocadas pelas primeiras experiências com as quais permanecemos identificados, ficaremos livres para nos referir aos níveis mais essenciais da Lua, especialmente em sua dinâmica com o Sol e o Ascendente e a maneira em que a qualidade lunar se manifesta em um sistema integrado.

Aqui só completaremos o primeiro ciclo centrado na compreensão do que temos chamado mecanismo lunar, deixando para outros textos a indagação nas manifestações mais sutis da Lua.

